

# Quadro geral sobre o feminino e a mulher nos pós-freudianos: de continente inexplorado à ocupação de um terreno fértil para novos desenvolvimentos

Este capítulo mostrará os principais textos das primeiras gerações de psicanalistas que dialogaram com Freud sobre o tema do feminino e da mulher, ora aproximando-se com ideias complementares, ora distanciando-se, acrescentando formulações que colocariam em discussão os pressupostos freudianos. Verifica-se, ao se analisar as contribuições de psicanalistas das primeiras gerações, que muito do que propuseram como desenvolvimentos teórico-clínicos foram diretamente incorporados por Freud e algumas outras contribuições (principalmente as de Abraham e outras que derivam de suas formulações) influenciaram trabalhos que marcaram a evolução da psicanálise para além de Freud, como a teoria de Klein, por exemplo, e os desenvolvimentos que marcaram as contribuições dos teóricos das relações de objeto, incluindo Winnicott.

## *Apresentação dos eixos de análise*

A análise a seguir se baseará nas publicações das primeiras gerações de psicanalistas, discípulos de Freud, sobre o tema do feminino e da mulher (Dias & Fulgencio, 2020)<sup>1</sup>. A maior parte dos textos foi publicada originalmente no *The International Journal of Psycho-Analysis*, com duas exceções: o texto de Karl Abraham, *Origins and Growth of Object-love*, que faz parte de seus *Selected Writings*, e o texto *On Female Homosexuality* de Helene Deutsch, que foi publicado no *The Psychoanalytic Quarterly*.

Grigg et al. (1999) sugerem que as discussões acerca da sexualidade feminina dividiram-se entre dois grupos: um em torno de Karl Abraham e de duas de suas discípulas, Melanie Klein e Karen Horney (além de Ernest Jones), com a temática das relações edípicas arcaicas da menina-bebê em relação à mãe; e outro em torno dos pressupostos freudianos, destacando-se Helene Deutsch, Jeanne Lampl-de Groot e Marie Bonaparte<sup>2</sup>.

Adicionalmente, os desenvolvimentos teórico-clínicos apresentados pelos dois grupos de psicanalistas a serem analisados parecem ter girado em torno de três eixos: “a natureza da sexualidade feminina; a suposição de que a feminilidade é definida pela libido, que é primeiramente masculina e fálica; e a relação mãe-bebê”<sup>3</sup> [tradução nossa] (Grigg et al., 1999, p. 12), tendo como ponto central as principais indagações relacionadas à inveja do pênis<sup>4</sup>.

1 Publicação derivada deste capítulo, realizada pela *Percurso*.

2 O entendimento de que as controvérsias iniciais da psicanálise sobre o feminino levaram ao surgimento de duas escolas distintas, a de Viena e da Londres, será útil no desenvolvimento desta pesquisa porque evidencia as raízes históricas, bem como a dispersão geográfica, das principais ideias em debate. O objetivo principal é identificar como as sementes plantadas nesse período culminaram no desenvolvimento da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, sem nenhuma pretensão de fazer uma exegese sobre o tema no período em questão, o que seria de extrema complexidade e desnecessário para o objetivo desta pesquisa.

3 “the nature of female sexuality; the presupposition that femininity is defined by a libido which is male and primarily phallic; and the mother-child relationship”.

4 Worthington (2011) argumenta que os textos dos anos 20 e 30 representam, em certa medida, uma discussão sobre a (homo)ssexualidade feminina, dada a importância atribuída ao que era dito “masculino” no desenvolvimento psicosssexual, de forma que, no processo de diferenciação sexual, todo “traço masculino” observado em uma mulher é colocado na chave da homossexualidade (sublimada ou declarada).

Dessa forma, após analisar todos os textos, acredita-se que a proposta de agrupamento de Grigg et al. (1999) entre seguidores de Abraham e Freud, tendo em vista a ênfase na relação mãe-bebê ou na feminilidade que advém da libido masculina, respectivamente, seja pertinente e orientadora.

Como sugere Jones (1935), pode-se dizer que essa formação em dois grupos teve um caráter norteador nos desenvolvimentos posteriores da Psicanálise, de forma a acirrar as diferenças conceituais entre os mesmos, sendo posteriormente nomeados como a escola de Viena (a partir de Freud) e a escola de Londres (a partir de Abraham). Dessa forma, a análise crítica seguirá essa proposta. Dentro de cada grupo, as formulações serão apresentadas destacando-se as principais contribuições de cada autor, de acordo com os eixos de análise.

Nesse contexto, parece que as produções da primeira geração de analistas em torno do tema foram vastas na década de 20, quando Freud publicou os textos *Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos* e *A dissolução do Complexo de Édipo*, e lançaram a problemática do falo no processo de desenvolvimento psicosssexual, ajudando o autor nas formulações posteriores, tendo que reconsiderar seu pensamento a respeito do Complexo de Édipo nas meninas e introduzindo a importância das etapas pré-genitais, conforme ele mesmo constata nos textos *Sexualidade feminina* e *Feminilidade*. Conferência 23. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*.

Essas discussões controversas ocorreram no percurso do trecho Viena – Londres<sup>5</sup>, passando por Berlin, *The Hage* (sede do governo holandês e também nome de uma cidade da Holanda, também conhecida como Haag,) e Paris, determinando a efervescência das formulações psicanalíticas da Europa dos anos 20 e 30, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, mas já ancoradas nas consequências da Primeira.

---

5 As discussões sobre o desenvolvimento psicosssexual da mulher marcaram um importante momento da diáspora psicanalítica que, no período entreguerras, fez florescer em Londres novos desenvolvimentos teórico-clínicos em torno das relações primordiais entre mãe e bebê, bem como aqueles que se dedicaram a entender as relações de objeto.

## *Discussões em torno dos pressupostos de Freud: escola de Viena*

As contribuições desse grupo giraram em torno dos pressupostos freudianos que comungavam a ideia de que a feminilidade advém da libido (masculina e fálica), preocupando-se em enfatizar ou destrinchar as consequências psicosssexuais dos complexos de castração e de masculinidade, bem como do abandono do clitóris para a primazia genital, sendo estes os marcos organizadores da constituição subjetiva da mulher. Os destaques em termos de contribuições teórico-clínicas ficaram com Helene Deutsch, Jeanne Lampl Lampl-de Groot e Marie Bonaparte (Grigg et al., 1999).

Primeiramente, Deutsch (1924) se ocupou, por exemplo, em mostrar como se dá a passagem para o feminino, em termos de desenvolvimento genital, tendo a função de reprodução como expoente. Nesse percurso, a autora aponta para a constatação de que na teoria freudiana ser mulher significa ser mãe. Posteriormente, a autora se ateve na influência do masoquismo na vida mental das mulheres (Deutsch, 1929), encontrando neste traço a raiz da feminilidade e o entendimento da homossexualidade feminina (Deutsch, 1932).

O processo que vai desde o clitóris (masculinidade) até o encontro com a fase vaginal (feminilidade) é marcado pelo abandono de um órgão para a descoberta de outro, no próprio corpo da menina, e remonta à relação inicial com o seio materno, de forma que o aspecto psíquico da relação sexual se apoia “... na repetição e no domínio do trauma de uma forma simbólica de castração; incorporar o pênis repete o trauma do desmame”<sup>6</sup> [tradução nossa] (Grigg, et al., 1999, p. 93).

Nesse sentido, sendo a vagina o receptáculo maternal, ela funciona analogamente como uma espécie de “ego em miniatura” de forma que, “... como o objeto de uma libido materna, o companheiro se torna a criança; e na relação

---

6 “... in the repetition and mastery of the trauma of a symbolic form of castration; incorporating the penis repeats the trauma of weaning”.

sexual o pênis assume o lugar do seio, e a vagina o papel passivo de sucção pela boca”<sup>7</sup> [tradução nossa] (p. 93).

Na lógica de Deutsch (1924), ter uma vagina é um certo ajuste confortável para o imaginário feminino, na medida em que toda mulher pode gerar filhos e ser alimentada por um homem, assim como fora por sua mãe. Por outro lado, o clitóris ainda conserva seu caráter masculino, que “. . . renuncia sua função masculina a favor do pênis que se aproxima do corpo que não o tem”<sup>8</sup> [tradução nossa] (p. 97).

Deutsch (1924), apesar de enfatizar a relação inicial com a mãe, retomando-a na fase genital como protótipo, não aborda a relação ambivalente presente com os pais, desde o início do desenvolvimento psicosssexual, assim como o fizeram Abraham (1924), Klein (1927) e Jones (1927)<sup>9</sup>, atrelando o feminino à passividade e ao masoquismo.

Especificamente em relação à questão do masoquismo, Bonaparte (1934) também reforça a importância desse elemento como constituinte do desenvolvimento psicosssexual das mulheres, estando presas ao sofrimento ligado às experiências sexuais, seja pela perda da virgindade ou pela reprodução.

No entanto, nesse aspecto, a autora vai além de Freud e Deutsch, reforçando o masoquismo como, inclusive, fonte de prazer erótico para as mulheres. Para a autora, há duas vias para o desenvolvimento da sexualidade feminina: a aceitação dos aspectos masoquistas da relação sexual ou a dissociação do prazer erótico das funções reprodutoras, a partir da aceitação da posição de passividade. Apesar de um posicionamento conservador que envolve naturalmente a mulher ao masoquismo e à passividade, a autora aponta também para a maior aderência à bissexualidade, devido à disposição anatômica – a cloaca feminina, ou seja, a região reto-vaginal, aliada ao falo atrofiado (clitóris), confere à mulher uma “natureza dupla” (Bonaparte, 1934, p. 271).

7 “... as the object of maternal libido, the partner becomes the child; and in coitus the penis takes on the role of the breast, and the vagina the passive role of sucking mouth”.

8 “. . . renounces its male function in favour of the penis that approaches the body from without”.

9 As contribuições de Karl Abraham, Melanie Klein e Ernest Jones serão abordadas no item *Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres*, deste capítulo.

Tanto Deutsch quanto Bonaparte sugerem, assim, que se tornar mulher só é possível se a função maternal da vagina for alcançada, a partir da renúncia à reivindicação clitoriana, que não permitiria essa rede de identificações e o estabelecimento dos mecanismos de introjeção/ incorporação e expulsão, vivenciados no ato sexual e na possibilidade de ter bebês. A partir dessa dinâmica, a homossexualidade feminina, assim, estaria atrelada a uma exacerbada inveja do pênis como consequência do excesso de proibição vindo da mãe, em relação à excitação clitoriana.

Lampl-de Groot (1928), assim como outros autores, também enfatiza a relação primordial de apego à mãe pela menina como um evento importante e anterior ao complexo de castração no processo de construção da feminilidade na mulher.

A autora também traz a dinâmica edípica para os estágios iniciais de desenvolvimento, assim como o fez Klein<sup>10</sup>, sendo a mãe o objeto de amor e o pai, o rival. Para Lampl-de Groot (1928) esse aspecto é determinante para o complexo de castração; quando a menina se mantém fixa na dinâmica negativa<sup>11</sup>, nas etapas posteriores, não poderá voltar-se ao pai como objeto de amor. A fixação no Complexo de Édipo negativo é, segundo a autora, o fator determinante para alguns conflitos encontrados em mulheres, como a negação da sexualidade ou a frigidez.

Adicionalmente, outras contribuições se fizeram presentes, mas apenas enfatizando aspectos já incorporados nos pressupostos freudianos: Ophuijsen (1917)<sup>12</sup>, por exemplo, se ocupou em diferenciar o complexo de masculinidade do complexo de castração; Stärcke (1920), por sua vez, questiona se haveria uma distinção entre o complexo de castração e de masculinidade, tema este que será retomado por Riviere (1929), e encontra no desmame o protótipo da castração, por ser a primeira experiência real da infância em termos de

---

10 Para mais detalhes sobre a contribuição de Klein, consultar o item “Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres” deste capítulo.

11 Negativo porque a mãe é o objeto de amor, nas etapas anteriores ao Complexo de Édipo. A resolução da trama edípica, no entanto, torna-se “positiva” quando há a inversão do objeto de amor, de forma que a mãe é substituída pelo pai.

12 Esse texto foi publicado em inglês apenas em 1924 e talvez por isso tenha sido subestimado em relação à sua importância para a construção do pensamento freudiano em torno da sexualidade feminina.

ruptura; Müller (1925) aponta que a ênfase na estimulação clitoriana, na fase genital, é sempre em decorrência da inveja do pênis e da repressão pulsional em torno da vagina, estando a sexualidade da mulher que segue por esta via, de certa forma, infantilizada; Müller-Braunschweig (1926), na direção de enfatizar a passividade, presente na primazia genital em torno da vagina, sobre a formação superegoica das mulheres, aponta que, inconscientemente, as mulheres incorporam o desejo de serem dominadas por um homem na cena sexual, sendo esta posição passiva estendida ao caráter; e, finalmente, Fenichel (1931), que também aponta para a importância dos aspectos pré-edípicos para a constituição da feminilidade, analisando o Complexo de Édipo e de castração sob a ótica das relações de objeto.

### *Discussões em torno dos pressupostos de Abraham: escola de Londres*

O primeiro texto de Abraham sobre o tema se atém ao complexo de castração e aos impactos dessa problemática na constituição da sexualidade feminina: “Muitas mulheres sofrem temporariamente ou permanentemente, na infância ou na idade adulta, do fato de terem nascido mulheres”<sup>13</sup> [tradução nossa] (Abraham, 1922, p. 52). Essa afirmação já projeta a extensão das questões ligadas à mulher, com um horizonte complexo e de sofrimento certo (em menor ou maior ordem), com certa predestinação para a patologia.

Para o autor, a Psicanálise, a partir de seus casos clínicos, pôde constatar até então que uma das manifestações mais contundentes é de que toda mulher encobre o desejo de ter nascido homem, manifestações estas que podem variar desde a normalidade até as diversas nuances da psicopatologia. Independentemente das consequências dessas manifestações, para Abraham, elas surgem a partir da constatação da “pobreza” de seus órgãos genitais em relação aos meninos, como uma espécie de ferida, que atinge seu narcisismo.

---

13 “Many women suffer temporarily or permanently, in childhood or in adult age, from the fact that they have been born female”.

Esse abalo narcísico levaria ao sentimento de inveja do pênis, se manifestando comumente como hostilidade e desejo de vingança em relação aos homens.

Antes de entrar nas questões específicas ligadas ao desenvolvimento psicosssexual, é importante mencionar que esse texto introdutório de Abraham faz jus a um aspecto importante sobre a transmissão do saber psicanalítico, que se torna preponderante na questão em torno da sexualidade da mulher: a maneira como as questões estavam sendo construídas e transmitidas sobre o tema pareciam reforçar uma lógica masculina não apenas como um modelo falocêntrico de desenvolvimento psicosssexual, mas como um problema pessoal para os homens da Psicanálise.

Nessa direção, Horney (1925), assim como Jones (1927), preocupou-se em mostrar a diferença na teorização psicanalítica sobre o complexo de masculinidade nas mulheres quando realizada por analistas homens e mulheres e, apoiada nas ideias do filósofo Georg Simmel<sup>14</sup> sobre a construção da civilização em torno dos ideais masculinos, Horney aponta para o viés também na construção do saber psicanalítico, que é predominantemente masculino<sup>15</sup>.

Horney (1925) é categórica ao dizer que: “O cenário analítico atual sobre o desenvolvimento feminino (ainda que este cenário seja correto ou não) em nenhum caso difere, na largura de um fio de cabelo, das ideias típicas que um menino tem sobre uma menina” [tradução nossa] (p. 110)<sup>16</sup>.

Na mesma direção, segue Jones (1927):

*Existe uma suspeita saudável de que os analistas homens foram levados a adotar uma visão indevidamente falocêntrica dos*

14 Georg Simmel foi um sociólogo alemão, considerado um dos pais da Sociologia por suas influências no estágio inicial de desenvolvimento desta disciplina, tendo sido influenciado pelas ideias de Max Weber, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Wilhelm Dilthey e Henri Bergson.

15 Além de Freud, as primeiras contribuições sobre o tema foram realizadas por Ophuijsen, Starcke e Abraham.

16 “The present analytical picture of feminine development (whether that picture be correct or not) differs in no case by a hair’s breath from the typical ideas which the boy has of the girl”.



*problemas em questão, e, assim, a importância aos órgãos femininos ser, de forma correspondente, subestimada. As mulheres, por sua vez, contribuíram para essa mistificação geral pela atitude secreta em relação aos próprios órgãos genitais e por demonstrar uma preferência quase disfarçada pelo órgão masculino*<sup>17</sup> [tradução nossa] (p. 134).

O texto de Horney (1925) tem uma importância histórica e política na Psicanálise, pelo fato de uma psicanalista mulher explicitamente abordar o tema da parcialidade masculina nas concepções até então elaboradas. O ponto de Horney não é apenas dizer se o modelo de desenvolvimento psicosssexual com base nos homens pode ser replicado às mulheres, mas o quanto as questões socioculturais devem ser levadas em consideração nesse desenvolvimento, principalmente a adaptação das mulheres à dominância masculina, que já está em curso desde a infância.

Na teoria psicanalítica, a inveja do pênis parece se apoiar mais na Biologia e não tanto na Sociologia, incutindo efeitos psicológicos de inferioridade na mulher a partir de um órgão genital. Por outro lado, Horney (1925) questiona: Por que a maternidade e seus aspectos biológicos não são, analogamente, invejados pelos homens, dada a superioridade inquestionável das mulheres em relação à maternidade? Em um texto posterior, a autora (Horney, 1932) também se indaga sobre o medo de mulher encontrado nos homens, que é profundamente assentado quando comparado ao medo do pai. O medo da mulher é o medo da mãe, enquanto que o medo do pai se apresenta como algo tangível a ser vencido e que se volta como elemento de gratificação e reforço da masculinidade. Para Horney, medo de mulher é uma ansiedade narcísica.

Em texto posterior, Horney (1933) se aprofunda na questão da suposta inferioridade da vagina em relação pênis nas fases pré-edípicas e verifica, a

---

17 “There is a healthy suspicion growing that men analysts have been led to adopt an unduly phallocentric view of the problems in question, the importance of the female organs being correspondingly underestimated. Women have on their side contributed to the general mystification by their secretive attitude towards their own genitals and by displaying a hardly disguised preference for interest in the male organ”.

partir de alguns casos clínicos, que a vagina desempenha papel importante em termos de estimulação sexual, refutando a hipótese freudiana em torno da inveja do pênis, mesmo antes da constituição da genitalidade. A autora se refere à negação da vagina como possível fonte de ansiedade nas mulheres, opondo-se à tese de que a vagina é descoberta apenas após o abandono do clitóris.

As questões em torno da inveja do pênis, assim, parecem ter um sustentáculo sociocultural importante, segundo a autora, tendo no casamento heterossexual e na maternidade um contorno praticamente institucionalizado de como as mulheres devem lidar com sua inferioridade em relação aos homens ou obter refúgio na masculinidade de seus maridos e no triunfo fálico de serem mães.

Para a autora, segundo Grigg et al. (1999), se a argumentação de Freud em torno da inveja do pênis fosse integralmente observável em todas as mulheres,

*... ‘impulsos masculinos’ seriam imperativos na afirmação da feminilidade em cada ponto crítico do desenvolvimento da sexualidade feminina; a homossexualidade seria mais comum entre mulheres; o desejo de ter um filho deveria ser secundário e substitutivo; e a relação de uma mulher com a vida teria de brotar do ressentimento*<sup>18</sup> [tradução nossa] (p. 253).

Contudo, reconhece, do ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, a importância do complexo de castração, ainda que traga elementos diferentes para analisá-lo, localizando-o a uma relação particular da menina com o pai, que tem como consequência a identificação com a posição masculina.

Em relação à inveja do pênis, quando se instaura de modo marcante no desenvolvimento psicosssexual da menina, a autora observa dois momentos

---

18 ... ‘masculine impulses’ would be imperative to an affirmation of femininity at each critical point in the development of female sexuality; homosexuality would be more common among women; the wish to have a child would have to be secondary and substitutive; and a woman’s relation to life would have to spring from resentment”.

distintos: o primeiro, relacionado à diferença anatômica que traz aos meninos privilégios em relação ao aparelho urinário e à masturbação; e o segundo, quando as mulheres rejeitam sua função feminina, abdicando-a para encontrar refúgio no desejo inconsciente de ser homem, como uma maneira para lidar com os desejos e fantasias libidinais em relação ao pai.

Finalmente, apesar dessas considerações, a autora reitera a dificuldade que as mulheres sofrem em qualquer possibilidade de sublimação das situações expostas até aqui, dadas as características da sociedade patriarcal e a dificuldade para todas as mulheres atingirem posições sociais e profissionais à altura dos homens, propiciando o que a autora descreve como “the flight from womanhood”<sup>19</sup> rumo à masculinidade.

Retomando agora as contribuições de Abraham, em relação a sintomas ligados à construção da feminilidade, o autor aponta para a homossexualidade e a neurose como consequências diretas da inveja do pênis e do complexo de castração: a primeira condição, a partir do desejo de ser um homem na relação com uma mulher pela vivência homossexual de fato ou a partir da sublimação, deslocando a homossexualidade para interesses intelectuais e de ordem profissional; a segunda condição se expressaria pelo sentimento de sentir-se realizada (reprimindo o desejo de ser homem – o complexo de masculinidade descrito por Ophuijsen) ou a partir de sentimentos de vingança e hostilidade em relação aos homens.

No entanto, além dos aspectos psicopatológicos ligados à questão de ser mulher, Abraham (1922) aponta que poderia haver, na normalidade, uma reconciliação da mulher com o complexo de castração sublimado a partir da maternidade, sendo o bebê uma gratificação fálica e narcísica. Contudo, sugere que, mesmo nestes casos, a normalidade é uma condição difícil de ser atingida, já que toda mulher terá que elaborar outras manifestações de sua feminilidade, que são menstruar, perder a virgindade e a própria experiência de ter filhos, que reforçam sempre a ideia de ter uma ferida no lugar de ter um pênis. Parece assim não haver saída normal, quando o normal é baseado no masculino. Essa poderia ser uma boa indicação de que, neste caso, o que é dito normal é unilateral e beneficia apenas os homens.

---

19 Aqui poderíamos entender como o voo da feminilidade.

Até este ponto Abraham parece estar alinhado aos pressupostos da escola de Viena. No entanto, para Grigg et al. (1999), é em um texto de publicação posterior que o autor faz sua maior contribuição para o tema da sexualidade feminina. Nesse texto, ao discutir os aspectos pré-genitais da libido e a escolha de objeto, Abraham (1924) faz desenvolvimentos importantes em torno do complexo de castração e acaba por relacionar a inveja do pênis à uma fixação na fase oral, assim como fez Stärcke (1920).

O texto é a segunda parte de um estudo do autor intitulado *A Short Study of the Development of the Libido*, e está mais focado em analisar a relação de cada pessoa com seus objetos de amor, a partir do desenvolvimento psicosssexual, saindo da fase oral até a fase genital.

Um ponto importante levantado por Abraham, a partir da ideia de objeto parcial, é a relação direta entre o pênis e o seio, apontando para casos em que outras partes do corpo, ao longo do desenvolvimento psicosssexual, podem relacionar-se a estes objetos, principalmente quando se analisam os casos de perversão.

*No estágio de 'amor parcial com incorporação, como temos observado, o objeto de amor é representado por uma parte dele mesmo. A criança pequena tem uma atitude ambivalente em relação a esta parte (pênis, seio, fezes etc.); isto é, ela a deseja e a rejeita ao mesmo tempo. [tradução nossa] (Abraham, 1924, p. 88)<sup>20</sup>.*

Como resultado dessa análise, Abraham acaba por ampliar o conceito de castração, relacionando-o a diferentes manifestações, e propõe um quadro que relaciona os estágios de organização libidinal e seus respectivos objetos de amor, conforme abaixo:

---

20 "In the stage of 'partial love with incorporation, as we have seen, the love-objected is represented by one part of itself. The small child has an ambivalent attitude towards that part (penis, breast, excrement, etc.); that is, he desires it and rejects it at the same time".

Tabela 1 – Quadro dos estágios de organização libidinal e objetos de amor

Estágios da Organização Libidinal	Estágios da Relação com os Objetos de Amor	
<b>VI. Estágio Genital Final</b>	<b>Objeto de amor</b>	<b>Pós-Ambivalente</b>
V. Início do Estágio Genital	Objeto de amor com exclusão de genitais	Ambivalente
IV. Estágio Anal-Sádico Posterior	Amor parcial	Ambivalente
III. Estágio Anal-Sádico Anterior	Amor parcial com incorporação	Ambivalente
II. Estágio Oral Posterior (Canibal)	Narcisismo (incorporação total do objeto)	Ambivalente
I. Estágio Oral Anterior (Sucção)	Autoerotismo (sem objeto)	Pré-Ambivalente

Fonte: Abraham (1924), publicado em Grigg et al. (1999, p. 13), com tradução nossa.

As formulações de Abraham (1924) em torno da fase oral, passando por todas as etapas, deslocam o eixo de análise para a relação mãe-bebê e para as relações com os objetos de amor como marcos importantes ao longo do desenvolvimento psicosssexual, ampliando assim o entendimento da feminilidade.

A ampliação proposta por Abraham (19124) foi a abertura necessária para que desenvolvimentos posteriores e decisivos em torno das relações iniciais entre mãe e bebê pudessem ser enfatizados na teoria desenvolvida por Klein.

Em diálogo com as ideias de Abraham, as contribuições de Klein (1927) assumem grande importância nas discussões sobre a sexualidade feminina. Primeiro, porque se baseiam na análise de crianças (especialmente entre três e seis anos) e não na infância expressa a partir da análise de adultos; e segundo, porque trazem em seu bojo os alicerces da sua teoria em torno do desenvolvimento psicosssexual da primeira infância, em que o Complexo de Édipo arcaico<sup>21</sup> ocupa papel fundamental.

21 Para mais detalhes em relação ao Complexo de Édipo arcaico, ver: Klein, M. (1926) *The Psychological Principles of Early Analysis* In: Love, Guilt and Reparation and Other Works 1921-1945 (New York: Macmillan, 1975), 128-38.

A autora se distancia das ideias freudianas (ainda que considere suas formulações apenas complementares às de Freud), se aproximando mais de Deutsch (1924) e Horney (1925), ao enfatizar a identificação primária com a mãe, em ambos os sexos, a partir da incorporação (o que a aproxima de Abraham, também), sendo, nas meninas, a experiência de receptividade e passividade provenientes das fases oral e sádica, que levaria ao pai como objeto. Nesse processo, Klein não descarta, no entanto, a ameaça da castração e os sentimentos de culpa como aspectos importantes atuantes no Complexo de Édipo.

*Na menina, por outro lado, o objetivo de receptividade é transferido da posição oral para a genital: ela muda sua posição libidinal, mas mantém seu objetivo, que já levou à decepção em relação à mãe. Dessa maneira, a receptividade permanece na menina, para o pênis, que então se volta para o pai como seu objeto de amor. [tradução nossa] (Klein, 1927, p. 147)<sup>22</sup>.*

A autora propõe ir além das explicações já apresentadas por Abraham, que considera as ansiedades da fase oral-canibal importantes para o senso de culpa vivido posteriormente na fase anal sádica. Para Klein, todas as experiências pré-genitais que levam ao senso de culpa, seja na fase oral, seja na fase anal, já são produtos da formação do superego, operando antes do Complexo de Édipo descrito por Freud.

Entendendo as consequências dessas formulações, especificamente nas meninas, o que Klein aponta é que o conhecimento sobre a vagina, ainda que seja inconsciente inicialmente, já atua em paralelo à fase oral, sendo que os impulsos relacionados às primeiras excitações nesse órgão, aliados aos da oralidade, reforçariam a função de receptividade, determinante para que o pai possa tornar-se objeto de amor futuramente. Este “voltar-se” ao pai é acompanhado de inveja e ódio em relação à mãe, que possui o pênis do pai,

---

22 “In the girl, on the other hand, the receptive aim is carried over from the oral to the genital position: she changes her libido-position, but retains its aim, which has already led to disappointment in relation to her mother. In this way receptivity for the penis is undimmed in the girl, who then turns to the father as her object-love”.

sendo fortemente percebido nos primeiros impulsos edípicos, levando à atração pelo sexo oposto.

Isso significa dizer que, para Klein, não é a constatação de ser castrada, mencionada por Freud na fase fálica, que levaria a menina ao pai, mas esta situação já está vigente antes mesmo dessa etapa, sendo o complexo de castração apenas um aspecto que corrobora o que já estava em curso: “Eu considero a privação do seio como a causa mais fundamental para [a criança] voltar-se ao pai”<sup>23</sup> [tradução nossa] (Klein, 1927, p. 153).

Adicionalmente, para Klein, há um prejuízo incontestável no desenvolvimento psicosssexual das meninas em relação aos meninos, que é a insatisfação como consequência de não poder engravidar do pai, no Complexo de Édipo, versus o sentimento de possuir um pênis, no menino, colocando-o em pé de rivalidade com o pai – ou seja, a insatisfação versus o poder. No entanto, para a autora, o que poderia prejudicar o desejo de ser mãe ou a capacidade para ter um orgasmo, futuramente, em uma mulher, não é a insatisfação proveniente da lei do incesto, mas sim o senso de culpa advindo dos ataques feitos ao corpo da mãe, nas etapas anteriores.

Além da constatação decisiva, realizada por Klein, em torno da insatisfação fundante nas meninas, Jones (1927) também se alinha a Abraham (1924) e a Klein (1927), ao verificar a importância da fase oral e das relações ambivalentes com os pais, a partir de sua experiência clínica atendendo mulheres homossexuais: a relação com a mãe traz componentes de uma fixação na fase oral; e, com o pai, há uma fixação que se expressa, de forma temporária ou permanente, de maneira consciente.

Uma das objeções de Jones (1927) em relação à noção de castração, mencionando as ideias defendidas por Abraham, é de que não haveria motivo para relacioná-la apenas às mulheres, uma vez que os homens também são acometidos pela castração – há medo e desejo relacionados ao pênis tanto em mulheres quanto em homens.

---

23 “I regard the deprivation of the breast as the most fundamental cause of the turning to the father”.

Adicionalmente, o autor enfatiza o problema em atribuir à castração a repressão da sexualidade, porque, tanto em homens quanto em mulheres, ela ocupa um lugar parcial e secundário de ameaça ao gozo – homens podem encontrar certo erotismo em se sentirem castrados, da mesma forma que as mulheres. Para Jones (1927), a perda do interesse sexual, *aphanisis*, seria o verdadeiro alicerce das neuroses, e não a castração: nos homens, a ameaça de perder o prazer sexual estaria ligada à masturbação; e, nas mulheres, à culpa por ter desejado ter uma experiência de gratificação sexual. Nesse sentido, a mulher mostra-se sempre mais dependente da gratificação do outro para sentir prazer, e o homem, nem tanto.

Na concepção de Jones, as explicações biológicas das diferenças psicológicas no comportamento e atitudes de homens e mulheres estão atreladas à dependência das mulheres da aprovação do parceiro, que nos homens se dá a partir de uma figura de autoridade masculina, que, além dos fatores sociais relacionados, enaltece a moralidade, uma concepção dos homens e não das mulheres. Dessa forma, assim como já mencionou Deutsch, a formação superegoica na mulher advém também do pai, como no menino.

É nesse sentido também que, para Jones (1927), a fase fálica é secundária e o Complexo de Édipo tem a mesma resolução para meninos e meninas, já que ambos renunciam o objeto de amor ou seu próprio sexo em virtude da ameaça de castração – a privação leva à frustração, em ambos os casos.

A partir da ideia de proteger-se da privação, Jones (1927) formula outras relações entre a fase oral e o Complexo de Édipo – além da substituição do seio pelo clitóris na menina e pelo pênis no menino, respectivamente. Mas, nas meninas, observa-se que as experiências da fase oral conduzem à duas etapas distintas: a primeira, com intenso erotismo oral (correspondência com o prazer clitoriano, posteriormente) e desinteresse por meninos; e a segunda, com características sádicas, que, passando pela fase anal, atua a partir de fantasias de castração (*morder*), na esperança de conseguir reconhecimento de atributos masculinos. E é aí que reside a principal diferença entre os sexos, segundo o autor, e as bases para a bissexualidade na mulher. O mesmo é observado por Riviere (1929), que vê na fase oral-sádica a base da relação com o pai, antes da etapa edípica, sendo que, nessa fase, tem-se a presença do sadismo como aspecto preponderante. Essa seria a base do que Riviere chamou



de “feminilidade genuína”, advinda do encontro fantasioso com o pai precoce – sugar o mamilo, receber o leite, por exemplo, são protótipos para a experiência futura de receber o pênis e o sêmen, denotando a sobreposição da oralidade em relação à genitalidade.

Dessa forma, tanto para Jones (1927) quanto para Riviere (1929), não seria o clitóris o correspondente ao elemento masculino no desenvolvimento psicosssexual das mulheres, mas sim o sadismo oral aliado às experiências da fase anal. “Este estágio boca-ânus-vagina, portanto, representa uma identificação com a mãe”<sup>24</sup> [tradução nossa] (p. 138). Nesse aspecto, dialoga também com Deutsch (1924), Horney (1925) e Klein (1927) ao constatar que a inveja do pênis na formação das neuroses não é a principal fonte dos conflitos, na maior parte dos casos.

Para Jones (1927) e Riviere (1929), as principais causas de conflitos em mulheres em torno do pênis se dão a partir do Complexo de Édipo (e não antes dele), de forma que a menina sempre tem que escolher entre sacrificar sua ligação erótica com o pai ou sua feminilidade, a partir da sua identificação anal com a mãe; e nos dois casos há troca de objeto ou do desejo ligado ao objeto. No primeiro caso, tanto o pai quanto a vagina devem ser renunciados para que os aspectos femininos possam retornar na vida adulta, a partir da relação sexual ou da maternidade. Já no segundo caso, se a ligação com o pai é mantida, a relação com o objeto é convertida em identificação, culminando no complexo de masculinidade, que, segundo Riviere (1929), seria a “feminilidade mascarada”.

Finalmente, pode-se dizer que, de maneira geral, a interdição do incesto sempre coloca em questão a renúncia ao objeto ou ao próprio sexo, tanto em meninas quanto em meninos, sendo a feminilidade definida a partir das experiências decorrentes das fases oral e anal, até atingir a primazia genital pela vagina, amortecendo a ênfase dada à fase fálica, com destaque para o complexo de castração (propulsor do Édipo) ou a resolução do próprio Complexo de Édipo. O que irá determinar se uma mulher é homossexual ou heterossexual, segundo Riviere (1929), será o grau de sadismo e ansiedade envolvido

---

24 “This mouth-anus-vagina stage, therefore, represents an identification with the mother”.

na castração, podendo ainda haver tipos intermediários: “um tipo particular de mulher intelectual’, que, como um dos tipos intermediários de Jones, é principalmente heterossexual em termos de desenvolvimento, mas também mostra características marcantes do outro sexo”<sup>25</sup> [tradução nossa] (Grigg et al., 1999, p. 172).

Para Jones (1927), “A mulher heterossexual tem mais medo da mãe do que a mulher homossexual, cujo medo gira em torno do pai. A punição temida no último caso é o desmame, no nível oral (deserção), atingindo o nível anal (ataque retal)”<sup>26</sup> [tradução nossa] (p. 145), ressaltando, assim, a relação ambivalente da menina com a mãe para o estabelecimento da feminilidade.

Portanto, de maneira geral, as contribuições de Abraham e seus seguidores sobre o desenvolvimento psicosssexual ampliaram não apenas as discussões sobre as mulheres, mas, acima de tudo, sobre a importância das relações primordiais com a mãe. Parece que, ao equalizar e sobrepor os desenvolvimentos das fases oral, anal e fálica, os analistas da escola de Londres atenuaram o falocentrismo (sem excluí-lo).

Nesse cenário, Melanie Klein, especificamente, ao antecipar a situação edípica para as etapas iniciais, o faz para instrumentalizar as descobertas em torno das primeiras relações de amor e ódio do bebê com a mãe e, posteriormente, com o pai. Isso não apenas tira a ênfase do falocentrismo (ainda que o considere importante), mas ressalta a dinâmica complexa que já está em curso desde muito precocemente na constituição da natureza humana em geral e, em particular, na construção do devir de ser mulher.

Ainda que possa haver objeções em relação à sofisticação dessa formulação (Complexo de Édipo arcaico), que imprime a possibilidade de relações triangulares desde o início, parece que a principal contribuição dos analistas da escola de Londres sobre a identidade feminina é o aspecto fundante da relação com a mãe nessa dinâmica, determinante para a possibilidade futura de a

---

25 “‘a particular type of intellectual woman’, who, as one’s of Jone’s intermediate types, is principally heterossexual in development but also displays strong features of the other sex”.

26 The heterosexual woman dreads the mother more than the homosexual woman does, whose dread centers around the father. The punishment feared in the latter case is withdrawal (desertion) on the oral level, beating on the anal one (rectal assault).

mulher viver a maternidade ou ter relações sexuais satisfatórias na vida adulta.

## *Considerações finais*

Os desenvolvimentos dos pós-freudianos analisados neste trabalho, em torno da inveja do pênis e do complexo de castração nas mulheres, passando pelo complexo de masculinidade e outras manifestações, retratam, sobretudo, a condição descrita da mulher oriunda do período vitoriano, ainda herdeira de fronteiras bem demarcadas em torno do papel social que ocupava na sociedade puritana.

Os homens eram constantemente colocados na vida pública como expoentes, e assim eram registros vívidos de sua superioridade no imaginário feminino, passado de mãe para filha e, depois, de pai para filha e vividos entre marido e mulher. E com a Psicanálise não foi diferente. Os textos analisados mostram os impasses da transmissão do saber psicanalítico em torno das questões da mulher e do feminino, a partir de um campo de investigação prioritariamente masculino e adulto, com pouco acesso ainda à clínica infantil e com dificuldade para dar voz às mulheres que se lançavam ao estudo da Psicanálise.

Porém, apesar dos impasses observados, como analisado por Jones (1935), as discussões em torno da sexualidade e, principalmente, da mulher, fomentaram desenvolvimentos a respeito da “. . . gênese do superego e sua relação com o Complexo de Édipo, a técnica de análise de crianças e o conceito de pulsão de morte<sup>27</sup>” [tradução nossa] (p. 276), que marcaram diferenças significativas nas escolas de Viena e de Londres e puderam contribuir para o próprio desenvolvimento do campo psicanalítico.

O percurso que fizemos até aqui nos mostra que a complexidade instaurada em torno do desenvolvimento psicosssexual da menina até tornar-se mulher, acompanhada pelas diferentes modalidades de relações com os objetos de

---

27 “. . . genesis of the super-ego and its relation to the Oedipus complex, the technique of child analysis and the conception of a death instinct.”

amor, para a obtenção de prazer sexual na vida adulta, ainda não atingiu o patamar de continente conhecido e largamente explorado.

Nesse sentido, ao analisar as discussões dos anos 20 e 30, percebe-se que a fertilidade intelectual observada se deu, em grande parte, por semearem ideias que visavam entender, além da genitalidade e de uma relação sexual satisfatória, qual o caminho percorrido para que uma menina pudesse se tornar mulher, sem que necessariamente tivesse que perseguir um caminho determinado pelo masculino (ou tendo o homem como referência). Esse percurso abriu espaço, concomitantemente, para formulações em torno da relação inicial mãe-bebê, decisivas para as próximas gerações de analistas, como os que transitaram na Sociedade Britânica nos tempos de guerra e pós-guerra.

Mais uma vez, assim como Freud em relação às histéricas, as indagações a respeito do *continente obscuro e inexplorado* funcionaram como elemento propulsor do desenvolvimento teórico daqueles que seriam as herdeiras e os herdeiros diretos de Freud, que já se lançavam na busca por explicações mais profundas sobre um continente que deveria ser habitado. O sentido de habitar aqui está atrelado à ocupação de um terreno que se mostra fértil, mas que precisa ser cuidado para se transformar em residência, permanecendo presente e vivo, assim como o colo da mãe.